

Santander
cultural



o grão da imagem

UMA VIAGEM
PELA POÉTICA
DE VERA CHAVES
BARCELLOS

MOSTRA CULTURAL

De 6 de maio
a 29 de julho
de 2007

Entrada Franca



Instalações
vídeos
fotografias
pinturas
gravuras
desenhos
seminários/oficinas



apresentação



o grão
da im
agem

Curadoria



UMA ANTOLOGIA DA TRAJETÓRIA DE 40 ANOS DA ARTISTA

Em 2006, o Santander Cultural apresentou a face contemporânea de uma das mais importantes coleções brasileiras, a de Gilberto Chateaubriand, em **É HOJE** na Arte Brasileira Contemporânea, e a diversidade da criação artística no Brasil na mostra **SOMOS** a Criação Popular Brasileira, que se estendeu até o início de 2007.

Agora, o Santander Cultural tem a honra de realizar e apresentar a primeira retrospectiva dos mais de 40 anos da trajetória da artista Vera Chaves Barcellos, iniciativa que faz parte de um programa estratégico de promover retrospectivas de artistas de vital importância em nosso cenário artístico contemporâneo.

A mostra tem o olhar de três importantes curadores e críticos de arte brasileiros: Fernando Cocchiarella (RJ), Agnaldo Farias (SP) e Moacir dos Anjos (PE), que abordam com profundidade estética e diversidade de olhares as múltiplas expressões da trajetória da artista.

São 114 obras que suscitam interpretações sobre o que é falso e o que é verdadeiro, sobre aquele que vê e aquilo que é visto; que representam fragmentos de uma realidade, revelando as diferentes percepções que uma mesma imagem possibilita. Obras que, ativando os sentidos, esclarecem e transformam a visão do cotidiano.

Vivendo entre Porto Alegre e Barcelona nos últimos 20 anos, Vera Chaves Barcellos tem desempenhado papel fundamental em importantes movimentos culturais. E, nesse sentido, a mostra insere-se nas comemorações dos 150 anos do Grupo Santander, instituidor e mantenedor do Santander Cultural, e reforça a ação sem fronteiras dessa instituição como importante agente incentivador da cultura ibero-americana.

A iniciativa também tem o intuito de promover a Fundação Vera Chaves Barcellos pela dedicação à preservação e à difusão da arte contemporânea, celebrando a atitude da artista em sintonia com seu tempo, sempre atenta às novas formas de atuação no segmento cultural.

O Grão da Imagem, Uma Viagem pela Poética de Vera Chaves Barcellos encampa os grandes temas da vida contemporânea, e o projeto ainda se expande enriquecido pelo programa de atividades simultâneas, com debates, palestras, oficinas, atividades interativas e um ciclo cinematográfico.

Participe!
Santander Cultural

UMA VIAGEM PELA POÉTICA DE VERA CHAVES BARCELLOS

Ao mesmo tempo em que rende um tributo a uma de nossas mais importantes artistas, *O Grão da Imagem, Uma Viagem pela Poética de Vera Chaves Barcellos* é uma exposição que destaca um dos aspectos essenciais da obra da artista, igualmente crucial para a compreensão de nosso tempo: **o que é o real?** Um fato ou uma construção? Um problema de linguagem que, como tal, tanto depende do mundo quanto do significado que emprestamos a ele?

No aprofundamento dessa questão e seus desdobramentos, Vera Chaves Barcellos, desde o fim dos anos 60, firmou sua posição entre os artistas que, influenciados pela arte conceitual, passaram a ter mais interesse pela idéia que dá lastro à obra de arte do que por sua dimensão material, ainda que sem descuidar, em tempo algum, de sua visualidade. Alternando sua residência entre Porto Alegre e Barcelona, onde vive seis meses por ano, Vera Chaves Barcellos, cujo intenso ativismo na defesa da divulgação da arte experimental como fato político também está contemplado nesta mostra, vem dando uma contribuição substantiva para o debate em torno das questões da arte contemporânea.

Com a preocupação de realizar uma mostra antológica da vasta produção de Vera Chaves Barcellos, a curadoria optou por efetuar um recorte que começa pelo destaque ao ponto de ruptura da obra da artista e que se estende até sua produção atual. O ponto de partida é uma passagem ocorrida no fim dos anos 60, quando ela decidiu trocar as excelentes pinturas e gravuras abstratas que então realizava, algumas das quais apresentadas aqui, em favor das diferentes percepções que cada pessoa tem de uma mesma imagem. Ao notar que o ato de ver traz consigo, inevitavelmente, toda uma carga existencial, as experiências e os repertórios daquele que vê, a artista concluiu que o melhor era fazer de seu trabalho um catalisador de sensações, um convite aos espectadores para que, tomando uma imagem como ponto de partida, retirassem de si o que sequer sabiam possuir.



O curioso é que, procedendo desse modo, Vera Chaves Barcellos, ao mesmo tempo em que levantava a questão sobre o que é falso e o que é verdadeiro, o que são as coisas e o que são suas representações, atualizou a famosa passagem do “Tratado de Pintura” de Leonardo da Vinci, quando essa discorre sobre a importância de uma mancha qualquer, numa parede ou tecido. Segundo o grande mestre renascentista, a mancha “obriga” o olho a trabalhar, a destravar a imaginação.

E o que dizer, nos dias de hoje, das indissociações entre aquele que vê e aquilo que é visto, entre a coisa e sua imagem? Na perspectiva de dar conta desses problemas, a obra de Vera Chaves Barcellos freqüentou outras formas de expressão, avançou por fotografias, vídeos e instalações, algumas entre as melhores delas trazidas para esta exposição.

E é uma vez que encampa esse leque de questões que a investigação poética e política de Vera Chaves Barcellos se inscreve profundamente na vida contemporânea. Afinal, o que resta de sólido e palpável nestes nossos tempos? Das paisagens às faces, passando pelas fachadas dos prédios que escondem a argamassa, o concreto e a ferragem com que são feitos, por trás de superfícies iridescentes feitas de aço e vidro, tudo parece desmaterializar-se, converter-se em imagens. É como se houvesse ocorrido um embaralhamento entre verdades e mentiras.

Como sair desse impasse? De acordo com Vera Chaves Barcellos, uma das saídas é o ataque ao cerne da imagem, uma descida até seu grão, revelando que ela possui certa materialidade; que ela, na qualidade de reprodução do visível, ainda que não se confunda com aquilo que representa – um rosto, uma pedra, uma nuvem –, é tão material quanto essas coisas, é também um fragmento da realidade. Para isso, a artista se vale de todo tipo de imagem: das veiculadas em cartazes, filmes e fotografias, de que ela se apropria, ou daquelas que ela própria realiza.

Curadores: Fernando Cocchiarale, Agnaldo Farias e Moacir dos Anjos.



FOTO: FERNANDO GOMES



Vera
Chaves
Barcellos

QUEM É VERA CHAVES BARCELLOS

Nascida em Porto Alegre, em 1938, Vera Chaves Barcellos vive e trabalha entre o Brasil (Viamão, RS) e a Espanha (Barcelona, Catalunha) e possui dupla cidadania desde 2004.

Freqüentou o Instituto de Belas Artes da UFRGS e iniciou sua trajetória artística nos anos 60. Além de ocupar um espaço de excelência nesse meio, é referência no contexto de arte contemporânea nacional e internacional, sendo que sua atuação se destaca não só em movimentos sociais, mas também em políticos e estéticos que marcam o cenário artístico brasileiro.

Ainda nos anos 60, interessou-se pela gravura, depois de passar por estudos artísticos no Brasil, na Inglaterra e na Holanda. Na década de 70, começou a utilizar a fotografia. Desde os anos 80, produz instalações multimídia, empregando fotografia manipulada, imagem computadorizada, objeto, vídeo e animação.

Dentre os principais marcos de sua carreira, Vera Chaves Barcellos representou o Brasil na Bienal de Veneza de 1976, participou de quatro edições da Bienal de São Paulo, da V Bienal do Mercosul e da Bienal de Havana, em 1984. Realizou ainda exposições individuais em diversas capitais brasileiras e outras cidades da América do Sul e da Europa, como Buenos Aires, Medelin, Barcelona e Girona, e mostras coletivas na América Latina, Espanha, Alemanha, Bélgica, Coréia, França, Holanda, Inglaterra, Japão, Estados Unidos e Austrália. Em 2001, integrou a mostra Sem Fronteiras na abertura do Santander Cultural, em Porto Alegre.

Foi uma das criadoras do Nervo Óptico (1976-1978) e do Centro Alternativo de Cultura Espaço N.O., em 1979, lugar de referência para a produção artística contemporânea e também da Galeria Obra Aberta (1999-2002), que abrigou mais de 20 exposições.

Em 2004, criou a Fundação Vera Chaves Barcellos, dedicada à preservação e difusão da arte contemporânea. O acervo da instituição formou-se pela doação da coleção particular da artista e por grande parte da própria produção.

obras



OBRAS COMENTADAS

A obra de Vera Chaves Barcellos se insere em uma tradição que critica a idéia de representação no mundo contemporâneo. Em diversos momentos de sua trajetória, a artista parece afirmar que, em um ambiente dominado pela cultura da informação e pela excessiva circulação de imagens, não há mais como representar a realidade. Ao contrário, são as múltiplas e incessantes informações veiculadas nos meios de comunicação de massa (informativos, ficcionais, publicitários) que precedem e constituem o real, estruturando e condicionando sua percepção partilhada. Não por acaso, a fotografia e o vídeo – instrumentos privilegiados na difusão contemporânea de imagens – são adotados como meios para tantos de seus trabalhos. Abstendo-se de celebrar ou contestar tal estado de coisas, Vera Chaves Barcellos opta por investigar, criticamente, suas conseqüências para a afirmação de identidades. Identidades que não são mais tomadas como definitivas nem únicas, mas em permanente reconstrução a partir das múltiplas informações recebidas a toda hora.

As obras aqui comentadas exemplificam a diversidade de meios e procedimentos utilizados pela artista, ao longo de vários anos, para elaborar sua original poética.



NADADORES: hall central térreo



OS NADADORES (1998)

Mostrada inicialmente em Barcelona, na Espanha, essa instalação reúne imagens projetadas sobre um aquário. Teve como ponto de partida uma imagem de jornal que retratava nadadores em diferentes posições, preparando-se para mergulhar numa praia (Barceloneta). Apropriada e manipulada através de diversos procedimentos e técnicas, a imagem deu origem a 80 diapositivos, que, projetados em looping, sugerem o movimento do mergulho e recompõem a cena em um processo de falsa animação. O som contínuo de água corrente completa a obra.





ON ICE:
hall central
térreo

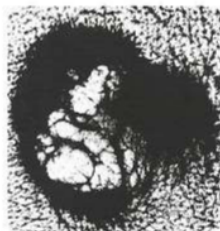
ON ICE (1978)

Essas quatro imagens de uma série maior são o resultado de uma performance coletiva realizada sobre um lago gelado em Amsterdã, na Holanda. O trabalho, concebido e desenvolvido em conjunto com os artistas Flávio Pons e Cláudio Goulart, foi registrado por Vera Chaves Barcellos e publicado originalmente em um exemplar do *Nervo Óptico*, editado em Porto Alegre em 1977/1978.

**EPIDERMIC
SCAPES:**
hall central
térreo

EPIDERMIC SCAPES (1977)

Obra que reúne imagens ampliadas em grande formato produzindo uma seqüência de "paisagens de pele". Essas texturas são resultantes de impressões de fragmentos do corpo da própria artista, com tinta de impressão sobre papel vegetal, utilizados como negativos fotográficos. O trabalho coloca em discussão questões como identidade e alteridade e conflitos entre o que é íntimo, privado (as marcas individuais), versus o que é de ordem pública e geral.



**LE REVERS
DU RÊVEUR:**
ala direita
térreo

LE REVERS DU RÊVEUR (1998)

Instalação que articula uma série de cinco imagens e um conjunto de objetos. Essa obra surgiu do interesse de Vera Chaves Barcellos pelas cenas de filmes veiculados pela televisão. Tais imagens apresentam suas especificidades, já que não são cinema, nem televisão, nem tampouco fotografia (no sentido convencional). A obra trata do tema da memória e do feminino e também das imposições sociais, quando essas se opõem aos interesses afetivos ou pessoais. A partir de uma breve narrativa de cinco fotogramas, centrada na figura de uma rainha e seu amante, a história da personagem é reconstruída através de objetos dispostos em vitrines, configurando uma espécie de memorial museológico.

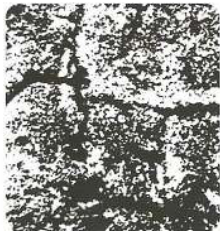


DE PELÍCULA:
ala direita
térreo

DE PELÍCULA - PEQUENO DISCURSO AMOROSO (2001/2002)

Essa série, iniciada em 1999, reúne imagens de filmes capturadas em fotografias a partir da tela do vídeo de televisão, resultando em uma textura visual e uma estética que guardam a memória dessas passagens, entre meios e linguagens. Cada imagem é resultado de um fragmento da ação tensa de uma personagem feminina e seu parceiro. As imagens foram trabalhadas digitalmente até se conseguir o resultado desejado, com a manipulação de cores, luzes e sombras.

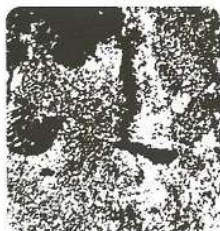




MEMÓRIA DE BARCELONA: ala esquerda térreo

MEMÓRIA DE BARCELONA (1977/1978)

Série de 14 fotos coloridas e nove fotos em preto-e-branco. Documentação realizada durante uma viagem a Barcelona, depois do longo período de repressão vivido sob o regime de Franco, quando a cidade apresentava ainda aspectos da euforia pela liberação da língua e da cultura catalãs, assim como das manifestações ideológicas. Os pichamentos e cartazes de rua são documentados em um ensaio fotográfico que retrata esse momento histórico da Catalunha, contemporâneo ao período em que a sociedade brasileira vivia sob o regime militar.



TESTARTES: ala esquerda térreo

TESTARTES (1974-1978)

Séries de trabalhos que articula imagens fotográficas e sentenças (indagações) que provocam no espectador uma resposta subjetiva, interna e silenciosa. Entre 1974 e 1978, Vera Chaves desenvolveu sete séries de Testartes, todas em torno dessa possibilidade de caráter projetivo. A forma final do primeiro Testarte (1974) consistia em sete lâminas a serem distribuídas ao público diretamente ou pelo correio. Esses trabalhos participaram da Bienal de Veneza de 1976 e da Bienal de São Paulo em 1977.

Fundação Vera Chaves Barcellos



FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

Com a missão de preservar e difundir a arte contemporânea, em especial a obra da artista, a Fundação Vera Chaves Barcellos foi instituída por ela como uma entidade cultural privada sem fins lucrativos em 2004.

Além de guardar uma coleção de obras de artistas brasileiros e estrangeiros, dispõe de um rico acervo documental formado pelos arquivos do Espaço N.O. e da galeria Obra Aberta, além do material documental sobre a obra da artista. A FVCB foi inaugurada em setembro de 2005 e desde então vem promovendo atividades junto à comunidade, como exposições, debates, projeções de vídeos e performances. A mostra *O Grão da Imagem, Uma Viagem pela Poética de Vera Chaves Barcellos*, concebida e realizada pelo Santander Cultural, com apoio institucional da FVCB, é a primeira antologia da artista e a maior e mais importante exposição individual já realizada com obras de Vera Chaves Barcellos.



FOTO: NONÔ JORIS



SAIBA MAIS...

NERVO ÓPTICO

Surgiu em 1976, com um grupo de jovens artistas de Porto Alegre que se reunia para discutir questões pertinentes à arte e ao contexto cultural do Rio Grande do Sul.

Em protesto às políticas culturais da então secretaria de cultura do Estado do Rio Grande do Sul, o grupo redige e publica um manifesto, acompanhado de um evento no MARGS denominado Atividades Continuadas. Este evento incluiu exposição, projeção de filmes e debates, os quais tiveram larga repercussão no meio cultural da cidade de Porto Alegre, com a participação massiva de membros de vários setores da cultura gaúcha.

Em 1977, Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Álvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos criaram e produziram um boletim em forma de cartazete que chegou a ser publicado regularmente durante 13 meses, numerado de 1 a 13 e distribuído gratuitamente. Cada número apresentava uma obra inédita de componentes do grupo ou artistas convidados.

A repercussão fora dos limites do estado, no eixo Rio-São Paulo, fez com que o crítico Frederico de Moraes, de O Globo, usasse pela primeira vez a expressão "grupo *Nervo Óptico*", que foi assumida pelos artistas. As atividades renderam um farto material fotográfico por vezes irreverente e crítico, onde pairava um certo espírito "fluxus". Após a realização de várias exposições, em 1978 o grupo se dissolveu, e cada um dos artistas seguiu seu próprio rumo.

NERVO
ÓPTICO



ESPAÇO N.O.

O Espaço N.O. foi iniciativa de um grupo de artistas do RS, inspirado pelo Other Books and So de Amsterdam, liderado por Ulisses Carrión. Com ênfase nas artes visuais, e inaugurado em 1979 com mostra de Paulo Bruscky, foi um espaço destinado a abrigar também manifestações culturais de diversas áreas como artes cênicas, literatura e música.

Funcionou na sala 31 da Galeria Chaves, no centro de Porto Alegre, promovendo intenso intercâmbio entre artistas locais e de outros centros nacionais, através de uma intensa e permanente programação de exposições, debates e cursos.

Do antigo grupo Nervo Óptico, apenas dois integrantes animaram as atividades do Espaço N.O. em seus três anos de funcionamento (de 1979 a 1982): Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos.

FLUXUS

O movimento Fluxus, de difícil definição e localização, tem seu surgimento associado às práticas experimentais e vanguardistas que pretendiam vincular à produção artística às vivências cotidianas, ocorridas nos anos 1950 e 1960. Artistas como John Cage, Allan Kaprow, Maciunas, Yoko Ono, e muitos outros, investiram em uma crítica radical as distinções entre arte erudita e cultura pop, defendendo a noção de anti-arte e de uma cultura inter-média, na qual o ruído e o barulho poderia ser considerado e apreciado como música legítima. Embora a denominação Fluxus tenha surgido em 1961, a partir de um evento organizado por Cage e Maciunas, é mais adequado falar em espírito Fluxus, como uma vertente que se perpetua na arte até os dias de hoje.



ARTE POSTAL

Na arte postal, o correio passa a ser o suporte privilegiado da arte. A interatividade é assumida como objetivo, diluindo a figura do criador isolado, pois a produção é muitas vezes coletiva e compõe-se do conjunto das mensagens enviadas e recebidas através dos correios.

Para os artistas brasileiros, na década de 70, a experimentação de novos meios, como o xerox, por sua possibilidade de reprodução rápida e fácil, aliou-se à abrangência e universalidade da arte postal como uma nova forma de circulação do trabalho artístico, fora do circuito fechado das galerias e dos museus.



OTHER BOOKS AND SO – ULISSES CARRIÓN

Em 1975, o escritor mexicano Ulisses Carrión, que havia começado a editar os próprios livros de artistas desde 1971, inaugurou em Amsterdã a Other Books and So, primeira livraria especializada no gênero de livro de artista e que funcionava como editora e arquivo. Carrión denominava os livros de artistas de “obras-livro” ou “bookworks”. Em julho de 1978, o Other Books and So foi responsável pela publicação Ephemera, que circulou com um encarte original do Nervo Óptico número 10.



LIVRO DE ARTISTA

O termo “livro de artista” apareceu nos anos 70, para fazer referência a um tipo específico de trabalho feito por artistas em edições limitadas. Essas obras possuíam uma série de particularidades que lhes imprimia um caráter próprio e distinto do que comumente se entendia como livro, produção gráfica ou manifestação plástica.

Os livros de artista são resultado das articulações entre recursos visuais e/ou verbais, apresentados em algum tipo de seqüencialidade – como encontrada ao folhear um livro convencional –, pressupondo o manuseio individual por parte do público. As dimensões e os materiais empregados para a realização de um livro de artista – que pode ser uma peça única ou uma edição numerada – podem variar bastante.

TERMINOLOGIA

APROPRIAÇÃO

O termo é empregado pela história e pela crítica de arte para indicar a incorporação de objetos extra-artísticos, e algumas vezes de outras obras, nos trabalhos de arte. Torna-se freqüente a partir do final da década de 70 e incorpora uma crítica ao valor concedido à originalidade e à autoria pelo próprio sistema das artes. O procedimento remete às colagens cubistas e às construções de Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Bracque (1882-1963), realizadas a partir de 1912. Desse momento em diante, a estratégia vai ser largamente empregada em diferentes escolas e movimentos artísticos, com sentidos variados.

A expansão das apropriações na arte contemporânea se estende à imagens da mídia, ou mesmo à obras de outros artistas, atitude na qual Marcel Duchamp foi mais uma vez pioneiro, seguido bem mais adiante por Andy Warhol e muitos outros.



IMAGEM

Existem inúmeros processos de produção e configuração de imagens. No conjunto da obra de Vera Chaves Barcellos, habitualmente as imagens resultam de processos sucessivos e cumulativos. Uma mesma imagem pode ser trabalhada e retrabalhada até a exaustão. Pode-se iniciar pela fotografia – que já é uma forma de reprodução técnica – e ser fotocopiada, fragmentada, ampliada, descaracterizada e reconfigurada como pintura, gravura, desenho. Ou então pode surgir da fixação de um movimento, captado originalmente em película (filme), transposto para linguagem de vídeo e finalmente apresentado como seqüência fotográfica. Essas sucessivas passagens de um meio a outro, de uma linguagem a outra, geram obras com grande quantidade de informações, estreitamente associadas à vida contemporânea.



INTERDISCIPLINARIDADE

É a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento. A interdisciplinaridade surge como uma das respostas à necessidade de uma reconciliação epistemológica entre campos de conhecimento que haviam assumido caminhos específicos e isolados a partir do século XIX, submetidos à lógica da produção capitalista industrial. As novas tecnologias e as mudanças sociais ocorridas a partir das últimas décadas do século XX impuseram novos cruzamentos e romperam as fronteiras estabelecidas entre variadas áreas do conhecimento ou da própria organização social, como o político, o cultural, o social e o econômico.

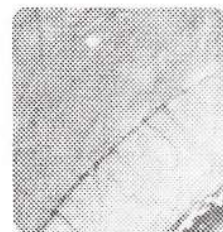
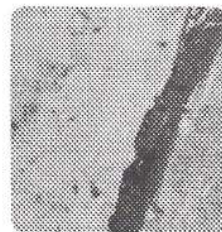
INTERFACE

No uso comum da palavra, uma interface é o ponto, área ou superfície em que duas substâncias ou outras coisas qualitativamente diferentes se encontram.



POÉTICA

Como disciplina teórica, a poética é o estudo das obras literárias, particularmente as narrativas, que visa a esclarecer suas características gerais, sua literalidade, criando conceitos que possam ser generalizados para o entendimento da construção de outras obras. Apesar de não ter caráter normativo, ela opera implícita ou explicitamente na criação artística.



MÍDIA

Meio de difusão pelo qual se apresenta uma obra. Dos veículos de comunicação de massa à base física, como as páginas de um livro ou a tela de uma pintura. As produções precisam de pelo menos uma mídia funcionando como suporte para os conceitos que colocam.



INSTALAÇÃO

A instalação é um segmento da produção artística que coloca em debate a complexa relação entre a obra, o espaço de exposição e a presença do espectador, não se caracterizando por uma técnica, material, mídia ou procedimento específico. Vera Chaves sempre dedicou grande atenção ao modo como suas obras são montadas e dispostas no espaço de exposição. A interação entre o espectador e a obra também é um aspecto que percorre o conjunto de sua produção. Apesar de ter realizado no CAYC em Buenos Aires, em 1979, sua primeira instalação com uma intervenção na parede, integrando seu trabalho "Muros", é só a partir de "Em Busca da Cabeça, Em busca do Coração", de 1987, que a artista passa a realizar, de modo sistemático, trabalhos com instalações. Nessa, como em obras posteriores, uma imagem deflagra o processo conceitual e poético, o qual se espacializa com o auxílio de objetos em uma montagem que considera os aspectos materiais e simbólicos do lugar no qual a obra é apresentada ao público.

SEMIÓTICA

A semiótica (do grego semeiotiké ou “a arte do sinais”) é a ciência geral dos signos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sógnicos, isto é, sistemas de significação. Ocupa-se do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito ou da idéia. Em oposição à lingüística, que se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, do sistema sógnico da linguagem verbal, essa ciência tem por objeto qualquer sistema sógnico – artes visuais, fotografia, cinema, música, culinária, vestuário, gestos, religião, ciência, etc.



SIMULACRO

1. Aparência, imitação. 2. Vã representação, aspecto exterior e enganador. 3. Visão sem realidade, espectro, fantasma.

BUSCANDO MAIS...



www.verachaves.com/bio-homepor.htm

www.fvcb.com

www.bienalmercosul.art.br/fundacaobienal/site/controller.jsp?c=viewNewsDetails&news.uid=273

www.mac.usp.br/projetos/arteconceitual/cbarcellos.htm

http://iberecamargo.uol.com.br/content/revista_nova/entrevista_integra.asp?id=133

www.verachaves.com/

www.bienalmercosul.art.br/fundacaobienal/site/controller.jsp?c=viewNewsDetails&news.uid=266

www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/21/a13v1n21.pdf

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/430/357>

www.google.com.br/search?q=vera+chaves+barcellos&hl=pt-BR&start=80&sa=N

www.mac.usp.br/exposicoes/01/colecao/contexto/1970.html



ATIVIDADES SIMULTÂNEAS

Confira o calendário de atividades simultâneas da mostra cultural O Grão da Imagem, com uma série de iniciativas desenvolvidas especialmente para você em parceria com programas e segmentos representativos da sociedade, envolvendo debates, ciclos de palestras, oficinas, mostras paralelas, atividades interativas, lançamento de produtos culturais e de um ciclo cinematográfico.

Participe também da programação de música, cinema e reflexão elaborada pelo Santander Cultural especialmente para você. São shows, oficinas, workshops, mostras de cinema, sessões comentadas, cursos, encontros, palestras e muito mais!



Segunda a sexta,
das 10h00 às 19h00
Sábados, domingos
e feriados, das
11h00 às 19h00

MOEDA
BAR & RESTAURANTE

Segunda a
domingo, das
12h00 às 15h00



FOTOS: FERNANDO GOMES

SESSÕES DE CINEMA

Horários especiais para grupos e escolas através da Ação Educativa do Santander Cultural. Confira a possibilidade de transporte gratuito. Agendamentos pelo telefone (51) 3287-5941.

IMAGENS DE OBRAS CEDIDAS PELA FVCB

o grão
da im
agem

Realização



PROJETO DE EDUCAÇÃO

Equipe de mediadores à disposição do público no horário da exposição para visitas mediadas.

Mediação agendada para estudantes, professores, famílias, grupos de estudo e empresários, entre outros. Oferecemos também atendimento individual ao professor para auxiliar no seu trabalho em sala de aula.

Coordenadora do Projeto de Educação:
Maria Helena Gaidzinski

Serviço gratuito! Ligue e agende!

Segunda a sexta, das 10h00 às 16h00
Fone: (51) 3287.5941
eculto3@santander.com.br

Consultoria Geral de Projeto:
Ana Maria Albani de Carvalho
Neiva Bohns

Patrocínio



Apoio Institucional

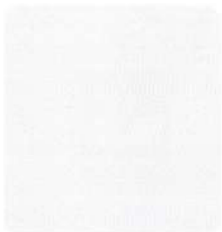


Parceria Institucional



Organização

arte3



Realização



Santander Cultural
Rua Sete de Setembro, 1028
Praça da Alfândega – Porto Alegre / RS
Fone: (51) 3287.5500
www.santandercultural.com.br

Segunda a sexta,
das 10h00 às 19h00

Sábados, domingos
e feriados, das
11h00 às 19h00

Patrocínio

